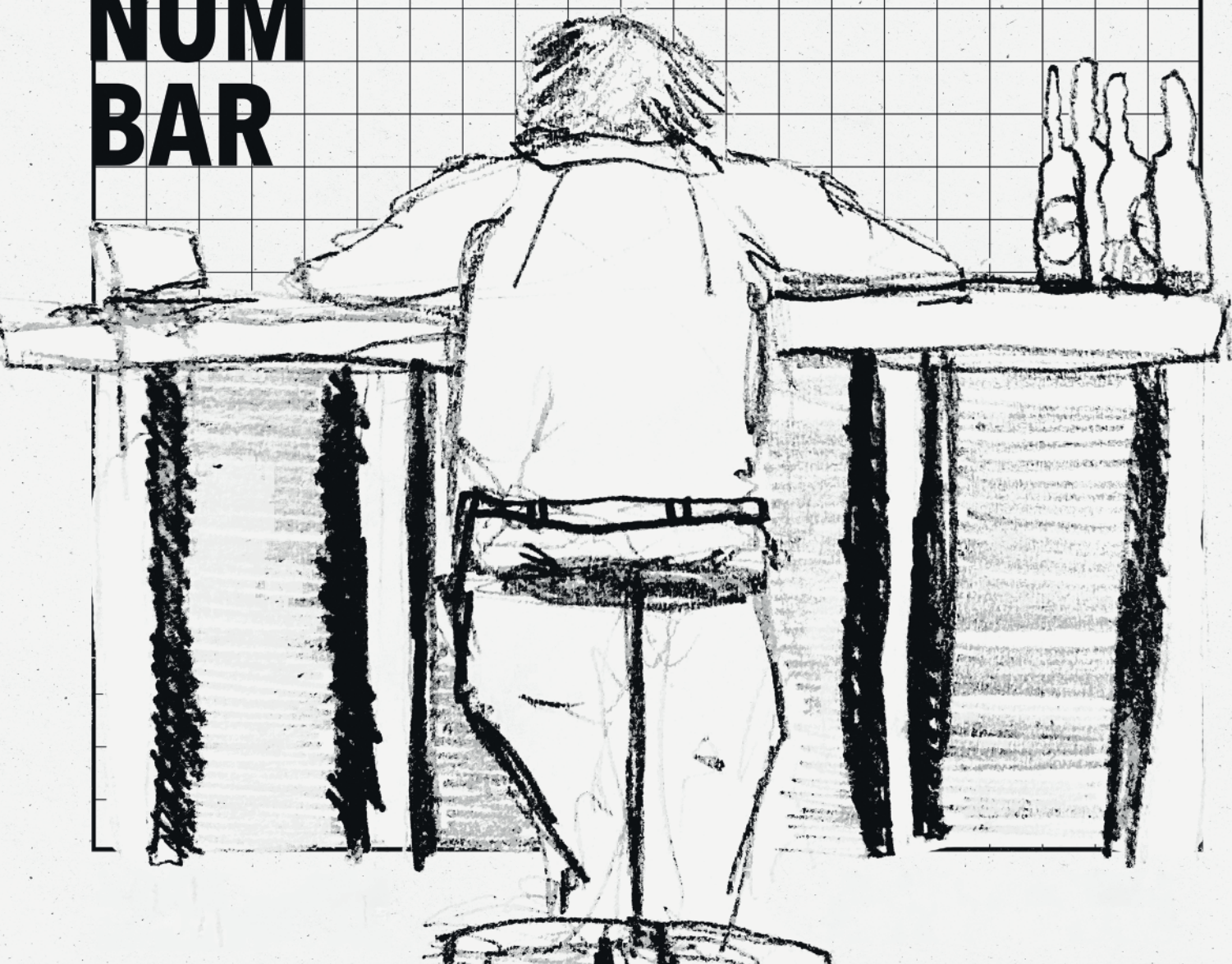


**UMA  
MULHER,  
UM HOMEM,  
UM MÚSICO  
E DOIS  
DEUSES  
ENTRAM  
NUM  
BAR**



**20 A 23 OUT  
CINEMA-TEATRO  
JOAQUIM D'ALMEIDA  
MONTIJO**



## **Fim do primeiro acto**

Alguém disse que os ciclos de vida das companhias eram de sete anos. É provável que tivesse razão.

Depois de um ano de sofrimentos vários, problemas de saúde mental, excesso de trabalho, ataques políticos, luto, chegamos àquela que será a nossa última estreia de 2022. Este espectáculo surge num momento em que há muitos aspectos por definir quanto ao futuro da Companhia.

Não sabemos com o que podemos contar a partir de Janeiro. E acabou-se a nossa disponibilidade para continuar a fazer omeletes sem ovos. Sete anos volvidos, ou asseguramos as condições necessárias para fazermos o trabalho que achamos que deve ser feito, ou vamos proceder a uma reformulação radical do nosso projecto. Gravámos esta conversa durante o período de ensaios, para tentarmos partilhar um ponto da situação.

Não explica grande coisa sobre o espectáculo, mas estamos disponíveis para falar sobre o assunto com quem o desejar, como sempre estivemos desde que aqui chegámos.

**Levi Martins e Maria Mascarenhas**

**LM:** Propunha que começássemos por falar sobre angústia. É como se não fosse suposto estarmos angustiados, porque a Mascarenhas-Martins nunca tinha tido tantas condições, nem a perspectiva de ter um espaço. Estas circunstâncias supostamente deviam ser bastante positivas e confortáveis. Apesar disso —

**MM:** Bom, para já, acho que a situação não é nada confortável. Teres mais condições não quer dizer que de repente fiques numa situação confortável. Acho que, aliás, até causa uma pressão maior porque o nível de responsabilidade muda. Deixou de ser um projecto alimentado pela vontade de cada pessoa que nele participa para de repente ter um funcionamento quase empresarial. E eu acho que inevitavelmente as pessoas se deixam levar um bocado por isso. Esta mudança coloca isto noutra sítio e exponencia um bocado a angústia que sentimos exactamente por revelar que por mais condições que tenhamos vamos estar sempre longe de uma situação confortável. Nenhum empresário com juízo iria colocar-se numa posição como a nossa. Nenhuma entidade com as condições que nós temos iria contratar o número de pessoas que nós temos neste momento, mesmo sendo a *part-time* [actualmente a Mascarenhas-Martins tem cinco contratos a tempo parcial e um a tempo inteiro, fora contratações pontuais por projecto]. Nunca ninguém ia para essa situação porque é completamente insustentável. Mas a angústia do meu lado vem do facto de sentir que isto de repente deixou de ser uma coisa que se alimentava por vontades, por uma atitude, por um idealismo, para passar a ser uma coisa encaixada numa outra coisa meio integrada no mercado, percebes?

**LM:** Achas que isso tem assim tantas consequências no tipo de trabalho que se faz?

**MM:** Total. Completamente.

**LM:** Por exemplo?

**MM:** O meu foco passa a ser muito mais administrativo do que criativo. Isto no fundo o que está a fazer é estrangular uma associação que vivia de uma atitude



totalmente criativa, artística. Eu acho que a criatividade consiste na capacidade de conseguires rebentar com quaisquer fronteiras. O facto de tu estares completamente encaixado numa cena —

**LM:** Administrativa, normalizada...

**MM:** Mata a criatividade. E, matando a criatividade, acho que se intromete muito na relação com aquilo que nós podemos dar a mais do que entidades de natureza empresarial. Eu acho que há uma grande confusão naquilo que a maior parte das pessoas deseja que seja o nosso trabalho, que é tornar-se uma espécie de empresa de entretenimento cultural que faça uma programação, que tenha relação com a formação, com a mediação, com os públicos, essa conversa toda. Mas é como se pudesse ficar de fora a relação com a criação artística. Eu acho que a sociedade preza muito mais essa ideia de as companhias tornarem-se “empresas culturais de entretenimento” ...

**LM:** Entidades cuja produção contribua para preencher as lacunas culturais nos territórios, é isso?

**MM:** Sim, mas é um bocado indiferente quais as lacunas culturais. Estamos a falar de quê? Ninguém sabe muito bem.

**LM:** Eu acho que estamos a falar do que não existe e gostaríamos que existisse. Não se sabe bem o que é porque não existe, e não deve existir, um programa igual para todos os locais. Se uma entidade surge em determinado território, eu acho que é normal haver a expectativa de que contribua para as pessoas terem mais acesso ao tipo de actividades que esta desenvolve. Não interessa muito, nisso estou de acordo, a natureza do que se produz — se é um trabalho de criação artística, se é entretenimento. Aliás, não, não é indiferente. Parece-me que a expectativa é que a oferta permita dizer-se que houve acesso a determinada categoria de programação: no caso do teatro, por exemplo, diria que a expectativa mais frequente é de que se contribua para o acesso a repertório, ou, em locais mais pretensamente cosmopolitas, a abordagens estéticas em voga. Isto não corresponde necessariamente a garantir o acesso à criação artística, uma vez que

condiciona a oferta à procura, numa lógica que me parece que não tem qualquer tipo de relação com a liberdade inerente ao gesto de criar. Acho que existe este tipo de expectativa para quem tem financiamento público, porque a lógica de apoio assenta na necessidade de garantir diversidade e regularidade da oferta cultural em todo o país. Se uma entidade como a nossa surge num território em que não existia um projecto semelhante, é natural que haja expectativas.

Voltando ao que referias há pouco, queria perguntar-te: achas que uma certa profissionalização que veio com mais condições, pelo menos no teu caso, gerou a sensação de que o projecto perdeu a essência, porque nos vimos atolados de trabalho administrativo e isso começou a impedir-nos de criar?

**MM:** Sim, claro.

**LM:** É que para mim a angústia vem de outros sítios. Eu aceito esta fase como uma passagem necessária para o próximo patamar. A verdade é que também fomos nós que quisemos trabalhar numa escala maior e mais complexa, o que levou a sentirmos muito mais pressão. Em 2019, quando fizemos uma candidatura ao Apoio Sustentado da DGArtes — que só obtivemos por nos ter sido atribuído enquanto medida extraordinária do Ministério da Cultura na relação com a pandemia — apontámos para o máximo possível de intervenção local, com programação de concertos, formação, criações, entre outras actividades. Embora no papel, ou numa candidatura, seja sempre só uma abstracção, a verdade é que na prática opções como esta têm consequências. O que aconteceu foi que de repente fomos informados que teríamos este apoio com que já não estávamos a contar e, de um dia para o outro, tivemos de fazer muitos ajustes sem que fosse possível pararmos para reflectir. A sensação que tenho é de que a nossa ambição de intervenção foi exagerada para os meios de que dispomos, embora reconheça que foi sempre assim que tudo aconteceu, porque estamos a viver muito acima dos meios que temos desde o início.

**MM:** Eu acho que somos bastante ambiciosos.

Se estivéssemos só a apontar para os meios que temos não fazíamos grande coisa, não é?

**LM:** É verdade. Mas acho que com o passar do tempo há coisas que começam a pesar mais. Neste momento, por exemplo, não sabemos ao certo como é que vai ser a vida da Mascarenhas-Martins a partir de janeiro de 2023. Pode ser boa, pode ser terrível.

**MM:** Bom, podemos assumir já que não vai ser muito boa. Na melhor das hipóteses pode ser um bocadinho melhor.

**LM:** Sim, pode ser um bocadinho melhor, ou pode ser quase o fim. Essa instabilidade constante gera-me mais angústia do que o aumento de responsabilidade, ou as expectativas que existem em relação ao que fazemos. O que eu sinto é que começamos cada temporada a achar que pode ser a última. Nunca consigo projectar um futuro suficientemente longo para deixar de reagir ao momento, ou à necessidade de adaptação de uma série de aspectos para conseguirmos que esta estrutura sobreviva. Gostava de conseguir dedicar-me a pensar uma intervenção a longo prazo, que é o que acho que temos em mente, mas é difícil não estarmos preocupados com o facto de tudo ser tão frágil que pode acabar a qualquer momento. Isso causa-me muita ansiedade. O percurso da Companhia visto de fora pode até nem parecer assim, porque a maior parte das pessoas não tem conhecimento das condições em que trabalhamos e, portanto, podem olhar para o nosso trajecto como tendo sido relativamente ascendente até ao presente. Vêm uma Companhia que surge do nada, que se implementa numa cidade que na altura não tinha nenhuma estrutura do género, e que de repente faz uma série de coisas, algumas com relativa visibilidade, nomeadamente os espectáculos do Luís Miguel [Cintra] que produzimos — que foram mesmo muito importantes para nós, mas por motivos que nada têm que ver com essa visibilidade. Visto de fora parece que isto está sempre a crescer e deve parecer improvável que termine de um dia para o outro. Mas para mim está sempre muito presente a sensação de que daqui a uns meses posso não ter condições para fazer nada e posso ter de mudar de vida. E que toda

a gente à nossa volta pode ir fazer outras coisas. Tenho sempre isso em mente e isso para mim é um dos focos de angústia na forma como dirijo contigo a Companhia. Agora, no que diz respeito à criação artística, não sinto que o aumento de responsabilidade e condições tenha tido uma influência assim tão grande. Acho que interfere apenas no facto de termos passado a estar mais preocupados com questões de gestão, o que torna difícil a concentração. É muito difícil estar a desenvolver um projecto artístico e estar sempre a ter de responder a e-mails, atender telefonemas, fazer pagamentos ou tratar de burocracia.

**MM:** Claro.

**LM:** Mesmo no momento em que parei — tirei umas semanas, decidi gravar as minhas canções enquanto estava à parte da Companhia e do que estava a acontecer —, a meio de um dos dias em que estava completamente fora de todos os processos, recebi um telefonema do Vereador da Cultura e claro que, com esse contacto, regressaram todas as preocupações de que precisava de me afastar. Ao dirigir este espectáculo também não consegui desligar-me da posição que tenho enquanto responsável por esta Companhia. Acho que é impossível, pelo menos para já, existirem condições para delegar todos os aspectos administrativos enquanto estamos a criar, sobretudo numa fase de crescimento e de reestruturação do que deve ser a Mascarenhas-Martins.

**MM:** É uma merda, é o que é. [risos]

**LM:** Bom, mas tinhas tido a ideia para este espectáculo em 2019. Foi justamente quando estávamos a trabalhar numa candidatura e a pensar no que gostaríamos de fazer nos anos seguintes. De onde é que surgiu este ponto de partida de uns deuses que apareciam num bar?

**MM:** Acho que veio das minhas preocupações com a fé. Quando faço espectáculos, faço-os porque tenho um assunto qualquer que me anda a atormentar. Faço-os para pensar. Na altura em que pensei nesta premissa, aquilo que me atormentava era a minha incapacidade de decidir se acreditava ou não, depois de ter renunciado de

forma veemente, na minha adolescência, à religião católica. Acho que comecei a questionar essa renúncia e fiquei numa situação em que não sabia muito bem se acreditava ou não. Não sabia se era possível renunciar a renúncia, ou se isso seria só um gesto hipócrita por estar a sentir-me mal. Já não sei, não me lembro. Neste Verão vi alguns filmes do Almodóvar e, num deles, uma personagem que é o seu alter-ego diz que é ateu quando está bem e católico quando está mal. Eu compreendo isso e acho que muita gente se identifica com isso, na verdade. E foi um bocado com esse intuito de pensar neste assunto e de perguntar-me se na verdade não estaríamos todos muito melhor se acreditássemos em alguma coisa superior a nós que me apareceu a vontade de trabalhar esta ideia. Porque quando não existe essa crença a única coisa que existe somos nós, a humanidade. Acho que provavelmente foi nessa altura que comecei a sentir que a humanidade andava a falhar um bocado. Acho que foi por causa disso que surgiu esta hipótese.

**LM:** É engraçado que a ideia que te surgiu sempre foi pensada da perspectiva dos deuses que vinham investigar a humanidade, e não tanto da perspectiva da humanidade a investigar a sua descrença.

**MM:** Achei que era mais interessante e mais engraçado imaginar estas entidades que são colocadas num patamar de intangibilidade a terem de vir cá abaixo ver o que se passava com estes idiotas que andam para aqui a destruir tudo e a queixar-se de tudo e mais alguma coisa. Seria tudo mais simples se toda a gente tivesse aceitado o anúncio de Nietzsche de que deus, enquanto conceito, morreu; de que a única coisa que resta somos nós e que podemos ser o *übermensch*, o super-homem. Mas estamos muito longe disso, não é? Se calhar teria sido mais fácil se ele não tivesse anunciado isso; as pessoas se calhar viveriam melhor.

**LM:** Achas que não estávamos prontos para o fim do conceito de deus.

**MM:** Acho que não. E também não estávamos prontos para este avanço brutal da tecnologia; parece que enquanto comunidade não nos conseguimos organizar



para acompanhar a velocidade a que as coisas se vão transformando. Estamos muito longe de nos conseguirmos governar sozinhos. Muito longe de sermos esse super-homem, dessa noção...

**LM:** ... mais idealizada do que é ser-se humano.

**MM:** Sim.

**LM:** Já agora: quando te ocorreu esta ideia, porque é que a situaste num bar?

**MM:** Há uma certa neutralidade num bar que lhe permite ser espaço de liberdade, porque à partida toda a gente aceita que está ali para conviver e que não há outro tipo de agenda. E o facto de muitas vezes as pessoas beberem uns copos e ficarem mais desinibidas faz com que se permitam dizer coisas que noutros contextos dificilmente diriam.

**LM:** Achas que as pessoas ficam mais honestas, é isso?

**MM:** Há a possibilidade dos teus argumentos serem refutados ou corroborados. E ao fazeres isso presencialmente, acho que há um lado muito humano que vem ao de cima, um lado bonito da humanidade, que é a possibilidade de se discutir com outra pessoa e tentar perceber porque é que está a pensar de outra maneira. Permite-te ter contacto com pontos de vista diferentes e com o confronto directo com o facto de outras pessoas terem outras formas de pensar por terem tido experiências de vida muito diferentes. O bar é uma espécie de ponto neutro do convívio entre as pessoas.

**LM:** Apresentado dessa forma parece ser um sítio um bocado idílico. Também há muitas coisas que dão para o torto num bar.

**MM:** Obviamente. Mas depende também com que espírito é que tu vais para um bar, não é?

**LM:** Voltando à origem da tua ideia: é provável que tenhas pensado num bar por termos vivido muitos momentos de debate de ideias nesse contexto.

**MM:** Antes de termos filhos, sim.

**LM:** Tanto tivemos conversas descontraídas como às vezes tivemos discussões bastante acesas.

**MM:** Para mim os bares sempre foram espaços de reflexão. Nunca foram sítios de preparação para ir a uma discoteca ou assim. Sempre foram locais para pensar em conjunto.

**LM:** Gostava que falássemos também do nosso espectáculo anterior, “Só há título no final”, porque me parece que, apesar das diferenças no ponto de partida, forma uma espécie de díptico com este “Uma mulher, um homem, um músico e dois deuses entram num bar”. Tanto nesse espectáculo como neste se chega a um impasse, a um ponto em que a comunicação se torna impossível e se entra num loop. Quando eu fui forçado a parar [esgotamento, início de processo de terapia], assumiste a direcção do processo que estava a decorrer. Como foi a experiência de agarrar um projecto que não tinha partido de ti? Aquela ideia não tinha sido tua e, de repente, pelas circunstâncias, por eu não estar em condições de levar o projecto até ao fim, decidiste responsabilizar-te pela encenação.

**MM:** Eu acho que quando se está num grupo, o mais natural é quando um não pode o outro levar as coisas para a frente. Acho que foi também esse o movimento que fizeste agora. Por não ser meu acho que senti menos pressão. Quando fazes uma coisa da tua autoria é como se tivesses de justificar todos os gestos: porque é que escreveste o texto, aquela linha, esta palavra? Que sentido é que queres dar ao espectáculo? Sentes que tens de justificar todas as opções de encenação. No caso o que fiz foi pegar naquilo e interpretar como achava que fazia sentido; e trabalhei sobretudo na relação com a encenação. Acho que foi um processo bastante libertador, tendo em conta que a outra forma de fazer é muito mais pesada, parece que estás sempre com a cabeça na guilhotina. Não é que não me responsabilizasse por esse projecto, acho é que foi de outra ordem. Sinto que deve ser parecido como quando se faz repertório. A única coisa que tinha de defender era um ponto de vista. Quando

escreves, parece que estás a defender, sei lá, a tua existência, quase. Nesse sentido foi diferente e libertador.

**LM:** O que decidiste fazer acabou por basear-se muito na ideia de um impasse com base numa certa angústia; tornaram muito central a sensação de impotência baseada na impossibilidade de dar resposta ao que as pessoas desejavam ver em cena [“Só há título no final” partiu da recolha de contributos de habitantes do concelho do Montijo, que partilharam com a equipa da Mascarenhas-Martins o que gostariam de ver representado num espectáculo]. Como se baseou na recolha de contributos, é provável que muitas das pessoas que participaram esperassem que o espectáculo fosse feito a partir do seu contributo, o que obviamente seria impossível. O que vocês fizeram foi assumir essa impossibilidade e tentar transmitir o desconforto, o desespero de não conseguir ir ao encontro das expectativas. Eu acho que foi um gesto importante para a Mascarenhas-Martins. O momento em que o João [Jacinto] dizia a lista dos contributos até acabar caído no chão do palco é, de certa forma, representativo da angústia que surge de trabalharmos aqui há sete anos, numa tentativa de dar resposta a uma série de expectativas e acabar, na maioria das vezes, a sentir que aquilo que nos propusemos fazer é frustrante — criar uma relação com as pessoas em torno de objectos que são criados em liberdade, não numa tentativa de agradar ou ir ao encontro das expectativas.

**MM:** Eu acho que isso tem que ver com o facto de tudo estar inserido na lógica de mercado. O “Só há título no final” baseava-se no facto de desejarmos criar uma relação com as pessoas, através da sua participação com contributos. No fundo o que dissemos foi: “queremos escutar”. Mas eu acho que em grande parte dos casos o que aconteceu a partir desse momento foi a lógica passar a ser a de consumo que conduz tudo a uma relação produtor-consumidor, que não é de todo o que desejamos.

**LM:** Concordo. O que me parece que estás a querer dizer é que rapidamente essa premissa se transformou para se assemelhar às expectativas que são geradas pelos algoritmos de serviços de streaming; como se a nossa

intenção fosse “eu quero ouvir-te para perceber como é que posso ajustar o que faço aos teus gostos”.

**MM:** Mas nós não dissemos isso.

**LM:** Claro que não. Mas como a lógica dominante é essa, é como se estivesse qualquer coisa implícita na nossa abordagem, um subtexto, como se estivéssemos a prometer que iríamos ao encontro do que cada pessoa sugeriu.

**MM:** Mas não havia subtexto nenhum.

**LM:** Não. A pergunta era literal.

**MM:** A pergunta era literal e super básica; não me parece que houvesse um grau de abertura para interpretações muito diversas. Aquilo que acontece automaticamente à maior parte das pessoas, e isto é sintomático de como estamos a viver, é qualquer coisa como: “se eles estão a fazer uma coisa semelhante à do algoritmo, vão ajustar a cena deles ao que eu quero ver, vão fazer à minha medida”.

**LM:** Exactamente.

**MM:** Eu acho isso um bocado triste. Isso, na verdade, foi aquilo que me deixou mais decepcionada. Olha, aí está mais um motivo para a minha angústia. E para acreditar menos na humanidade. Colocamo-nos numa posição em que estamos na disponibilidade para ouvir e daí passa-se rapidamente para a ideia de que ao fazermos um espectáculo estamos ali para servir toda a gente.

**LM:** Eu acho que isso tem que ver com muitos factores, inclusive com o facto de termos financiamento público. Eu não colocaria a questão assim. Parece-me natural que achem, a partir do momento em que existe uma entidade aqui que faz este tipo de trabalho, que esse trabalho as vai servir de alguma forma. Eu acho que o mal-entendido não está aí e foi isso que eu tentei abordar num dos textos que dizia durante esse espectáculo. O equívoco, a meu ver, está no que significa esse “servir”.

**MM:** Quando disse que havia a expectativa de “servirmos” toda a gente, o que queria dizer é que me



parece que essa ideia de servir tinha como base a expectativa de que nós é que teríamos de nos adaptar.

**LM:** Sim, eu sei, mas como este assunto parece que fica sempre pouco claro, estava a tentar abordá-lo de forma a tentar conciliar as expectativas das pessoas com aquilo que acho que é o nosso dever. Para mim esse projecto anterior, na sequência de tudo o que temos vindo a fazer, confirma que no que diz respeito à criação artística, o que eu acho que pode ser mais útil é justamente aquilo que se baseia no gesto de liberdade de quem está a criar, que deve partir de uma verdadeira necessidade de expressão. Pode servir menos no imediato as expectativas de consumo, mas é o que garante que existem momentos em que é possível existirem relações que vão para lá do que é mais confortável e seguro.

**MM:** Claro.

**LM:** Só acho que vale a pena fazer alguma coisa quando a pessoa sente uma espécie de impulso, um desejo qualquer que justifica criar. Mesmo que o ponto de partida não seja necessariamente teu. Tu sentiste esse desejo quando tomaste conta do “Só há título no final” e foi isso que me aconteceu agora com este espectáculo. Acho que isso é mesmo muito importante, que se parta de uma necessidade. E eu acho que servimos tanto mais as pessoas que vão ter contacto com o que fazemos, quanto mais exercemos a nossa liberdade enquanto criadores e apresentarmos objectos que são nossos e em que nos consigamos reconhecer, existindo assim a possibilidade de assistirem a qualquer coisa que não foi feita para tentar agradar, até por oposição à lógica dominante que promove exactamente essa adaptação da oferta à procura. Eu acho que essa lógica é muito difícil de combater. A partir do momento em que o quotidiano está completamente dominado por essa ideia de que tudo se adapta aos nossos gostos, cria-se esta ilusão de que está tudo feito à nossa medida e que não temos de nos adaptar a nada. Claro que isto é mentira, porque mesmo nesse sistema estamos constantemente a adaptar-nos a tudo, só não damos por isso. Ou seja, há muitas coisas a que nos adaptamos, na maneira como desenvolvemos os nossos hábitos de consumo. Torna-se

um hábito de adaptação permanente, embora inconsciente. Eu acho que a nossa actividade se opõe a esse nível de adaptação. Agrada-me o facto do “Só há título no final” ter gerado posições completamente opostas; tanto houve pessoas que ficaram muito entusiasmadas, como outras que reagiram muito mal por não corresponder de todo àquilo que queriam ver.

**MM:** Mas é importante verificar que se calhar as reacções mais negativas surgiram por terem como base essa ideia das pessoas quererem ver qualquer coisa que não estava lá.

**LM:** Não sei se houve relação directa ou não, mas acho curioso que o ataque que o Vereador João Afonso fez à Mascarenhas-Martins tenha acontecido pouco tempo depois. Se tivesse de apostar diria que quase de certeza que teve algum tipo de relação com o “Só há título no final”. Digo isto porque a forma como caracterizou a Companhia assentava sobretudo na ideia de que o que fazíamos era principalmente teatro experimental, o qual a maioria da população não aprecia. Aquilo que fazemos serve também para criar divisões, desconforto e diálogo; ou seja, não é para ser consensual. É um grande equívoco alguém achar que devíamos de repente transformar-nos numa produtora de entretenimento, tendo como principal intuito ter uma oferta que agradasse à maioria da população. Para isso há muitas outras coisas. Se as políticas públicas fossem pensadas assim, então as autarquias o que deviam era oferecer aos seus munícipes subscrições nos serviços de streaming. A satisfação do consumidor estaria muito mais garantida dessa forma, não é?

**MM:** É uma ideia.

**LM:** Ainda quanto a esta questão de o nosso trabalho servir ou não o público... eu acho que se a nossa actividade fosse sempre ao encontro das expectativas da maioria isso só podia dizer uma de duas coisas: ou estava a acontecer aqui um fenómeno muito diferente do que se passa no resto do país; ou seria sinal de que tínhamos cedido à pressão e começado a modificar o nosso trabalho para agradar. É legítimo que isso aconteça e há muitas histórias sobre estruturas que foram fazendo essas cedências, algumas tendo sofrido consequências menos positivas.

Essa cedência equivale a assumir que se está disposto a mudar a natureza da actividade, coisa que, no nosso caso, não queremos fazer. Se os objectivos fossem diferentes, teríamos tomado outras decisões logo no momento em que fundámos a Companhia. E não teríamos feito o percurso que fizemos até agora.

Eu não tenho nenhuma motivação para trabalhar em entretenimento, por exemplo. Não tenho nada contra, mas não é esse o meu território. Gosto muito da ideia de se estabelecer um diálogo com o público, mas não necessariamente a partir de uma adaptação nossa no sentido de o facilitar. Acho que isso, neste tipo de actividade, não faz sentido.

Falámos sobre angústia de ângulos diferentes; tu foste mais pela perspectiva laboral, profissional; eu falei mais de não conseguir pensar a longo prazo. Mas não abordámos as questões pessoais, que acho que têm relação com o trabalho que estamos a fazer. O meu caso, por exemplo. Nos últimos anos coloquei-me numa posição em que estava constantemente a fazer o máximo, não apenas por questões financeiras (o que às vezes também tinha de acontecer), mas também para tentar levar o mais longe possível o nosso trabalho. O ano passado foi esgotante a vários níveis. Nunca tínhamos produzido tantos espectáculos, fizemos montes de coisas ao mesmo tempo, o nosso segundo filho nasceu em Setembro. Foi uma sequência de actividade sem paralelo na existência da Mascarenhas-Martins e eu acho que isso me levou a um sítio completamente absurdo de estar a tentar ser produtivo quando estava para lá das minhas capacidades. Por querer tanto que isto fosse para a frente e que conseguíssemos conquistar a perspectiva de longo prazo, para não estarmos sempre a sentir que isto pode acabar, achei que era por aí o caminho e deixei-me caminhar para um sítio obviamente perigoso, o que me obrigou mesmo a parar. Embora não tenha sido acompanhado nessa primeira crise, acho provável que tenha sido um esgotamento. Estive vários dias sem conseguir sair da cama, coisa que nunca me tinha acontecido na vida. Não tinha ânimo nem energia para nada e isso fez-me questionar porque é que havia de continuar neste sector de actividade, tendo em conta todas as circunstâncias de que já falamos. Acho importante falar sobre isto porque está na

base de muita da angústia que temos vindo a sentir nos últimos tempos. Ainda por cima nós somos um casal, isto é a nossa vida, está tudo misturado e é muito complicado pararmos de trabalhar quando estamos em casa. Recentemente a nossa filha de quatro anos pediu-nos para pararmos de falar de trabalho ao jantar e desde então temos tentado manter essa disciplina, embora seja difícil. Há sempre mais qualquer coisa para discutir, seja ao jantar, à noite, ao pequeno-almoço, enquanto levamos os filhos para a escola.

Eu acho que isso também tem pesado muito e é uma das causas desta nossa fase de angústia; não são só as coisas exteriores, a falta de condições, a burocracia crescente; acho que não é só isso. Eu pensei que não tinha limites, até que cheguei a um ponto crítico e percebi que o que estava a fazer não fazia sentido. Estou a levantar esta questão para pensarmos no que idealizamos para o futuro, porque eu acho que o facto de passarmos por este período crítico nos fez pelo menos perceber o que não queremos.

Para mim, por exemplo, o excesso de trabalho absurdo que aceitei, ou o facto de estar a cumprir dez funções ao mesmo tempo, é uma coisa que não vejo que possa ter futuro. Eu sei que se continuo a fazer isso, não vou aguentar, sei que se isto voltar a ser assim deixa de fazer sentido ter uma estrutura como esta. Todas as minhas idealizações em relação ao futuro da Mascarenhas-Martins estão agora muito mais relacionadas com a intervenção à escala local, com a missão de tentarmos enriquecer o diálogo difícil com a comunidade daqui, mais do que com outra coisa qualquer. Se pensarmos nas conversas iniciais que tivemos quando nos conhecemos na Escola Superior de Teatro e Cinema, constatamos que tinham como base esta verificação de que o enriquecer da relação com os outros, com os públicos, é aquilo que raramente se consegue trabalhar a longo prazo, por ser mesmo muito difícil e frustrante. Porque o que acontece é aquilo que estávamos a descrever há pouco. Há uma série de mal-entendidos em relação à natureza da nossa actividade; as pessoas têm a expectativa de que façamos outras coisas; aparece um Vereador a dizer que considera que o dinheiro está a ser mal gasto, porque devíamos estar a fazer coisas de que as pessoas gostem... É natural que a tendência seja a de toda a



actividade artística se afunilar em meia dúzia de teatros e espaços culturais em que a criação artística é defendida, e em que há equipas de dimensão suficiente a trabalhar a comunicação, a mediação, sem que tenham de ser as companhias que passam por lá a fazer esse tipo de trabalho.

Se acreditamos na importância de existirem estruturas como a nossa fora desse circuito, então naturalmente que temos de estar disponíveis para dedicar uma parte considerável do nosso tempo a fazer um trabalho que estimule, da forma mais ampla possível, a relação da comunidade com a criação artística. E esse trabalho é muito lento e, com frequência, invisível. Se queremos continuar a trabalhar aqui, temos de fazer o que pudermos para estimular esse diálogo. Eu sinto essa responsabilidade, até porque fomos nós que escolhemos iniciar o nosso trajecto aqui. Ninguém nos forçou a nada, ninguém nos encomendou a fundação de uma companhia aqui. Eu sinto necessidade de investir nesse diálogo, mas não no sentido de estarmos a apontar para um momento em que haja um grande consenso em relação à actividade artística. O que eu acho é que o dissenso que se consegue agora, como se pode verificar pelas reacções a alguns espectáculos que fazemos, é ainda muito superficial. Estou convicto de que o dissenso pode ser muito aprofundado; mais baseado numa experiência mútua de conhecimento das inúmeras possibilidades que existem no que diz respeito às manifestações artísticas e culturais. Actualmente chateia-me um bocado que a relação com as artes ainda tenha como base a dicotomia entre “gostar ou não gostar”. Essa dicotomia é muito pobre. Há sempre muito mais para discutir e o que eu gostava era que conseguíssemos chegar a esse ponto em que a discussão se torna muito mais densa e complexa. E não me refiro apenas às nossas produções, mas também a tudo o que podemos programar. Acho que faz muita falta haver espaço público de discussão, de confronto com diferentes perspectivas e com maneiras diversas de exercer a liberdade artística. Eu acho que a existência desses espaços merece um grande investimento. O que eu senti, ao passar por esta crise pessoal, foi que só fazia sentido continuar a trabalhar nisto se também contribuísse para esse investimento. É claro que também podia optar por fechar-me e dedicar-me a fazer as

minhas criações, mas se fosse essa a opção acho que preferia trabalhar noutra área para não depender financeiramente desse trabalho. Para ter a liberdade de fazer como e quando quisesse. De vez em quando escrevia umas canções, gravava, partilhava, sem quaisquer preocupações comerciais e pronto. Agora, neste enquadramento de termos uma estrutura com financiamento público, que trabalha neste território, acho que é absolutamente inevitável haver uma responsabilização. Em suma: o que eu prevejo é que ou temos a possibilidade de fazer esse movimento e aprofundar, através da programação e de outras actividades, o diálogo com as pessoas, ou será muito difícil continuarmos.

**MM:** Ámen.

**Uma mulher, um homem, um músico  
e dois deuses entram num bar**

20 a 23 de Outubro 2022

Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida, Montijo

Interpretação: André Alves, André Reis, João Jacinto, Levi  
Martins, Nádía Fernandes e Pedro Nunes

Textos: Levi Martins, Maria Mascarenhas e Miguel Branco

Encenação: Levi Martins

Espaço cénico e luz: Adelino Lourenço

Guarda-roupa: Ana Simão

Música: André Reis e Levi Martins

Apoio ao movimento: Nádía Fernandes

Direcção de produção: Levi Martins e Maria Mascarenhas

Assistência de produção: Maria Julieta Almeida

Fotografia de cena: Luana Santos

Design gráfico: António Santiago

Comunicação: Miguel Branco

Gestão de redes sociais: André Reis

Uma produção da Companhia Mascarenhas-Martins

Apoio: República Portuguesa - Cultura / Direcção-Geral das  
Artes; Câmara Municipal do Montijo; Junta de Freguesia da  
União das Freguesias de Montijo e Afonsoeiro; Sociedade  
Filarmónica 1º de Dezembro

Agradecimentos: Equipa do Cinema-Teatro Joaquim  
d'Almeida, Bless Bar, Café Aldegalega, Café da Praça, Café  
Snack-Bar, Lanterna da Praceta, Hamburgueria Faceburguer,  
Lux Shisha e Cocktail Bar, Restaurante Bistrot Bordelais Food  
and Wine, Restaurante Ti Teresa, Snack-Bar Tá Na Hora.

*Espectáculo dedicado à memória de António Mascarenhas.*



JUNTA DE FREGUESIA DA UNIÃO DAS FREGUESIAS DE  
MONTIJO  
E AFONSOEIRO

